

Apresentação

Pensar o espaço político como ação em um momento histórico em que os discursos e as práticas que proliferam na sociedade são, notadamente, artefatos para legitimar os processos de alienação dos sujeitos em todas as esferas: públicas, privadas, intelectuais, artísticas, implica, segundo nossa ótica, a necessidade de refletir em torno das possibilidades de práticas de resistência.

Desde esta perspectiva, então, é preciso considerar que se a política é ação, conforme Arendt (2007),¹ é também um espaço de busca de equilíbrio no sentido de abolir as práticas de legitimação dos desiguais, as práticas de onipotência, de servidão, de totalitarismo, e, sobretudo, de desapropriação, pelos sujeitos, de uma consciência social em torno das condições de exploração que regulam as mentalidades, o modo de funcionamento das instituições e da sociedade como um todo.

É, a partir, portanto, de espaços de tensão entre as correlações de força nas relações de dominação, de confronto deliberado contra os efeitos produzidos pelos discursos “funcionalistas”, “tecnicistas” e universalistas que promovem diferentes processos de des-subjetivação dos sujeitos e de apagamento de suas condições reais de existência que as práticas políticas de resistência tornam-se não somente necessárias mas também fundamentais para a construção de sociedades menos desiguais e mais emancipadas.

Anunciada nossa premissa, apresentamos o primeiro artigo, deste número da *Revista Organon*, intitulado *Operação Condor*, do historiador Enrique Serra Padrós. Aí, Padrós analisa a operação percebida como articulação clandestina e repressiva dos países do Cone Sul, visando a perseguir e eliminar dissidentes políticos e organizações de resistência que, desde o exílio, denunciavam a opressão e o clima de medo existente nas ditaduras de Segurança Nacional latino-americanas nas décadas de 60 a 80.

Segue-se um bloco de artigos dedicados a 1968, à luta político-social e cultural, da resistência à ofensiva, organizado pelo Prof. Robert Ponge. Esse bloco de artigos inicia-se com 1968, *Dos movimentos sociais à cultura*, escrito pelo organizador, que volta-se para a o estudo histórico-político. Inicia analisando os antecedentes do(s) movimento(s) político-social(iais) de 1968, suas raízes, o que motivou seu surgimento. A seguir, passa em rápida revista os principais acontecimentos políticos que marcaram 1968 no mundo inteiro: relembra as mobilizações nos *campi* e nas ruas dos EUA, onde estudantes e negros manifestavam contra a guerra do Vietnã e contra o racismo; detém-se no México para reviver a luta do estudentado contra o poder do PRI (partido único), que os brindou com o *Massacre de Tlatelolco*; passa para o Chile e a Argentina para chegar ao Brasil, onde a juventude *foi pra rua e assaltou as nuvens*. Finalmente, chega à Europa: muito brevemente na Alemanha Ocidental e Itália, para, então, centrar-se na Praga da *Primavera dos povos* (onde foi afirmado e demonstrado, na prática, que o socialismo deve, necessariamente, possuir *rosto humano*, sob pena de inexistir) e em Paris, tomada pelas passeatas, as barricadas e a greve geral do memorável *Maião* francês. O artigo encerra estudando os atores do 1968, suas reivindicações e anseios, bem como apontando alguns breves aspectos e elementos da realidade cultural da época. O artigo da jornalista e professora Christa Berger – *Quando a direita bateu continência e a esquerda radicalizou, foi para a rua e acabou na prisão: tudo sob os holofotes da imprensa escrita* – observa, especificamente, a situação da imprensa brasileira durante a ditadura militar (inclusive em 1968, o ano da *Passeata dos Cem Mil*). Por um lado, a imprensa defrontava-se com muitos cerceamentos (leis, censura, prisão de jornalistas) à sua função de informar. Por outro lado, tais constrangimentos e impedimentos fizeram florescer um outro lugar para narrar o mundo: a imprensa alternativa. O texto termina perguntando sobre as razões da saída de cena desta. A professora Maria Eunice Maciel, em *A (r)evolução dos costumes: nada mudou, tudo mudou*, trata mudanças desencadeadas, a partir do processo de mobilizações dos anos 60, nos costumes e no modo de vida, constituindo-se em uma das heranças desse período em que a contestação e a transgressão eram eixos importantes. Particularmente, ocorreu uma mudança significativa em relação à família, sexo, corpo, inclusão social, direitos, arte, entre outros tantos aspectos da vida cotidiana das pessoas no mundo ocidental. O estudo da professora Regina Zilberman, intitulado *1968 – Literatura: marcando presença, ainda que tardia*, procura dar uma visão geral da situação da literatura nos anos 1960, lembrando algumas figuras proeminentes da intelectualidade e da ficção (brasileira e internacional) da época e apresentando um panorama das transformações na literatura daqueles anos 1960 (apontando inclusive para o aparecimento do chamado pós-modernismo). Por sua vez, como o título - *1968: Caminhando e cantando e protestando e apanhando* – indica, o professor Luiz Roberto Lopez procura construir uma imagem viva e dinâmica daquele momento cultural em que se vivia *caminhando e cantando e protestando e apanhando*. O ensaio estuda 1968 relacionando a vida política (lutas e repressão: “protestando e apanhando”) com a vida cultural

¹ ARENDT, Hannah. A condição humana. Rio de Janeiro, Ed. Forense-Universitária, 2007.

(“caminhando e cantando”). Está organizado em duas partes. A primeira destaca o anseio de revolta e protestos que permeou o período, eletrizando os povos (em particular a juventude, sobretudo estudantil, mas não apenas). Aponta que a vontade de contestação não foi apenas política e social, mas também comportamental e sexual, sendo expressa por uma esquerda diversificada e heterogênea. A segunda parte detém-se sobre o Brasil, mostrando, por um lado, como a cultura foi também arma de resistência; por outro, como, no próprio terreno cultural, houve embate entre uma cultura progressista e outra alienada.

Ekaterina Velmezova, em *Plut, Šut e Durak: algumas notas feitas à leitura de M. Bakhtin*, analisa os papéis sociais de três personagens – o vilão, o bobo e o bufão, na pesquisa de Mikhail Bakhtin sob o título ‘Formas do Tempo e do Chronotopos no Romance’, desvendando-os como representações de diferentes máscaras e de diferentes modos de responder a regras e à psicologia social do povo russo-soviético.

Em *Vozes do silêncio; considerações sobre a linguagem dos cativos no Brasil*, Florence Carboni, após enfatizar e explicar a relativa carência, nas ciências da linguagem, de estudos sobre a comunicação verbal e as formações discursivas dos trabalhadores escravizados e seus descendentes no Brasil, apresenta uma análise sucinta das dramáticas perdas linguageiras e discursivas das comunidades cativas, a partir da categoria dos repertórios linguísticos, e propõe caminhos para a recuperação de aspectos linguísticos-ideológicos próprios dessas comunidades.

Anselmo Peres Alós e Rita Terezinha Schmidt discutem os rumos da Literatura Comparada, compreendida como uma prática de resistência aos riscos da homogeneização cultural neste início de milênio. *Poética/poéticas da margem: o comparatismo planetário como prática de resistência* ao articular a questão da liminaridade do conhecimento produzido em torno das práticas culturais do presente, argumenta em favor da manutenção das investigações comparatistas como um *locus* privilegiado para o questionamento de idéias e conceitos fossilizados, tais como *o valor, o cânone, o nacional e o estrangeiro*, defendendo uma ampliação das margens e dos limites da poética.

Representações do intelectual engajado na obra de Erico Veríssimo, de Donizeth Aparecido dos Santos, analisa, na obra de Erico Veríssimo, aquela que sempre foi uma preocupação do escritor: o engajamento do intelectual em uma revolução de caráter violento e mostra, como essa preocupação tem um caráter de recorrência em sua obra, notadamente em *O arquipélago* (1962), última parte da trilogia *O tempo e o vento*.

Paulo Ricardo Kralik Angelini, em *A palavra e a revolução; Rafael e o Convento da poesia de Manuel Alegre*, investiga as artimanhas narrativas desenvolvidas pelo escritor Manuel Alegre na construção dos caminhos de um português que se descobre sempre rumo a Lisboa, por mais que suas trilhas levem-no para outros lugares. Em um jogo de espelhos, as inúmeras referências intertextuais iluminam-se e refletem em outras imagens, tendo em foco um regime totalitário e as consequentes aniquilações do indivíduo, que se fragmenta.

Com base na obra *As aventuras de Ngunga*, de Pepetela, Daniel Conte, em *O menino e o silêncio* trabalha com o início do rompimento de um silêncio secular. Silêncio imposto pela tradição africana que, dentro do processo de independência, foi um dos obstáculos para a organização sistemática da resistência anti-colonial.

Na *Seção Livre*, Jane Tutikian entrevista o escritor angolano Pepetela, e Celina Martins problematiza em *Fecundidade da escrita em O livro das comunidades de Maria Gabriela Llansol*, a obra da poeta a partir de uma abordagem comparatista. Aí, coloca em evidência o fato de que através da subversão do cânone romanesco e da desterritorialização do leitor *O Livro das Comunidades* se institui como a casa da escrita, da leitura e da pintura em construção num palimpsesto dos i-limites.

Na parte de RESENHAS, Fabiele Stockmans de Nardi trabalha com *. Bakhtin: conceitos-chave*, organizado por Beth Brait, e Luciana Carvalho se ocupa de *O africano*, de J.M.G. Le Clézio, prêmio Nobel de literatura 2008.

Assim, nossa contribuição, através deste número da *Revista Organon*, vem ao encontro de diferentes leituras sobre essas práticas e discursos de resistência, desenvolvidas por colegas das áreas da Literatura, da Linguística e da História.

Ana Zandwais e Jane Tutikian
Organizadoras